

SEU BOLSO | COPOM DIMINUI ÍNDICE PARA 12%. DECISÃO TEM REFLEXOS NO DIA A DIA.

## Entenda como a taxa básica de juros afeta sua vida

Leonardo Meira

leonardo.jornal@editorasantuario.com.br

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) tomou uma decisão surpreendente e inesperada no final de agosto: diminuir a taxa básica de juros (Selic) em 0,5 ponto percentual, para 12% ao ano. Mas o que essa decisão tem a ver com o seu dia a dia? Bem mais do que você imagina.

Adquirir produtos, serviços e contratar empréstimos, por exemplo, são apenas algumas das áreas afetadas pelas oscilações da taxa básica. Isso acontece porque ela é utilizada pelos bancos como referência para empréstimos entre si, remunerar títulos da dívida pública brasileira e oferecer crédito aos consumidores. E também serve como medida para aplicar outras taxas de juros, como as utilizadas no cheque especial, carta de crédito, crediário, poupança e empréstimos.

E é aí que a sua vida entra na história. Como a taxa básica é um importante instrumento de política monetária e fiscal, seus reflexos e interferências tornam-se presentes no dia a dia, conforme explica o especialista em Economia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor Roberto Alves de Oliveira.

“O Copom deve manter uma quantidade de dinheiro suficiente para atender as necessidades da economia. É como se fôssemos à feira e, numa semana, há bastante tomate e, na semana seguinte, ocorreu uma geada e os tomates sumiram do mercado. O que acontece com o preço do tomate? Pela lei da oferta e da procura, o preço do tomate sobe. Nessas reuniões, que acontecem a cada 45 dias, o Copom faz com que a quantidade de dinheiro disponível no mercado também aumente ou diminua. Qual a consequência disso? A taxa básica de juros sobe ou desce, de acordo com a disponibilidade.”

Mas e por que o Copom precisa fazer esse tipo de controle? Não seria mais fácil liberar a quantidade de dinheiro necessária para que todos pudessem comprar à vontade o que bem entendessem? A lógica é solidária, mas não está de acordo com os princípios da economia de mercado. Tudo porque um índice está muito vinculado com o outro. E é exatamente isso que acontece na relação entre aquecimento da economia, poder de consumo, aumento da inflação, crédito disponível e taxa básica de juros.

“Há uma relação intrínseca. Quando existe aquecimento da economia, o consumo cresce. A demanda torna-se tão intensa que fica superior à oferta. Logo, os preços sobem, gerando a chamada inflação. Para brejar o aumento dos preços, é preciso reduzir a demanda de consumo, e isso se dá com o aumento da taxa de juros. Essa

faz com que os depósitos bancários, e não o consumo, tornem-se prioridades. O crédito fica mais caro, levando a um menor endividamento por parte dos consumidores. E isso combate diretamente a inflação. O equilíbrio se torna harmônico e eficaz quando há alternância entre aceleração e desaceleração da economia”, desmistifica o especialista em direito bancário que atua diretamente com orçamentos e redução de juros, o advogado Alex Andrade.

Só por aí já dá para perceber a importância que a taxa Selic possui, tanto como impulsionadora do desenvolvimento econômico quanto como controladora de um processo inflacionário.

### Alta taxa de juros

A reunião de final de agosto foi a sexta do Copom neste ano. Nas cinco

anteriores, sempre houve revisão da taxa para cima, somando um aumento de 1,75 ponto percentual. No final de 2010, a Selic estava em 10,75%, até chegar aos 12,5%, que vigoravam até a última reunião. O motivo das altas, segundo a autoridade monetária, era o aquecimento da economia e a necessidade de conter pressões inflacionárias.

Mesmo com a diminuição da taxa, o Brasil continua com os maiores juros reais do mundo. Os juros reais descontam a inflação projetada para os próximos 12 meses. Nesse caso, os juros básicos no Brasil ficam em 6,7% ao ano.

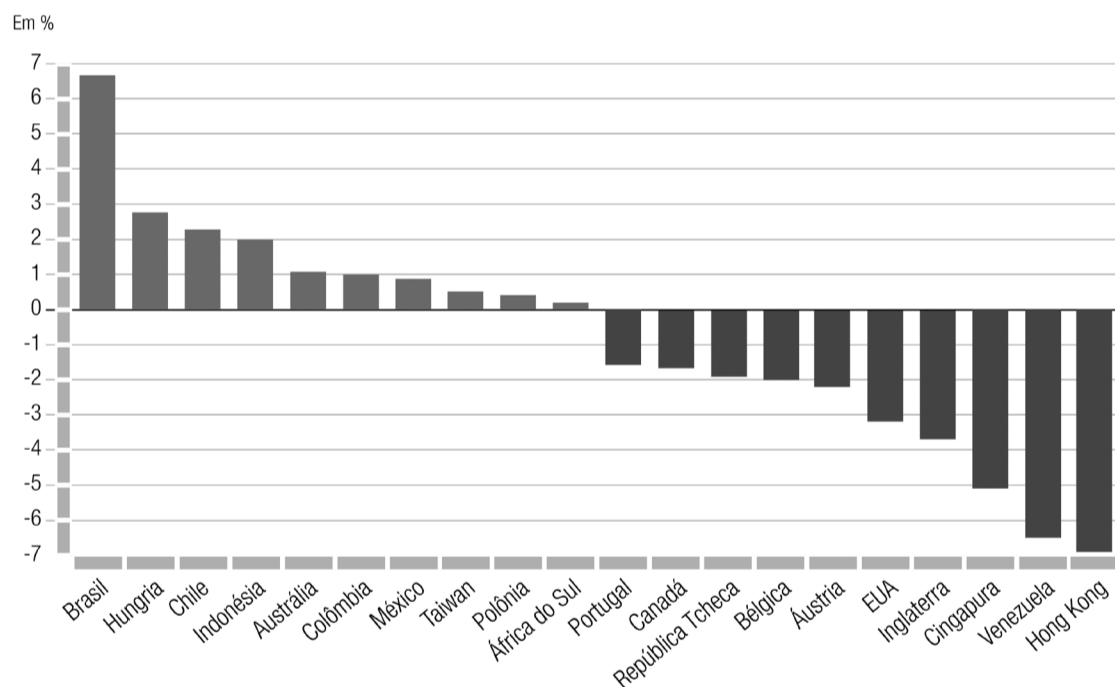
“A economia brasileira é muito nova e com um consumo muito elástico, ou seja, uma baixa de juros causaria um aumento muito forte do consumo, gerando uma inflação muito alta e, assim, correríamos o risco de ter uma

hiperinflação novamente. Além disso, os juros funcionam como incentivo para investimento, atraindo dinheiro estrangeiro. Uma redução de juros levaria a uma retirada de capital do país. Com impostos tão elevados, fica inviável a redução dos juros até uma equiparação aos de outros países”, acredita o executivo da Macro Auditoria e Consultoria, Fernando Segato.

De acordo com o ranking da taxa de juros reais elaborado pelo analista internacional da Apregoa – Cruzeiro do Sul (www.apregoa.com), Jason Vieira, o segundo lugar é ocupado pela Hungria, com 2,8%. Em terceiro aparece o Chile, com 2,3%. Na outra ponta do gráfico, desponta Hong Kong, com a menor taxa real de juros do mundo, com -6,9% ao ano. A pesquisa de juros reais não inclui todos os países do mundo, mas 40 economias relevantes.

### JUROS REAIS

As dez maiores e as dez menores taxas de juros, descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses



Confira o ranking completo da taxa de juros reais em <http://bit.ly/RankingJurosAgosto2011>



O executivo da Macro Auditoria e Consultoria, Fernando Segato



Especialista em direito bancário, o advogado Alex Andrade